

Os de Cima do Muro

17-2-66

Rubem Braga

BOAS-VINDAS ao general Costa e Silva; mas devo confessar que ficarei mesmo em Ipanema e não irei ao aeroporto. Irá uma boa massa de militares e civis — não gente do povo, mas gente da política, interessada em ficar nas boas graças do candidato, além dessa fauna de cavadores espertos ou ingênuos que se dispõem a empregar toda a astúcia e preparo físico para sair na fotografia perto do homem. E não faltará quem brade — «já ganhou!»

Sim, é provável que já tenha ganho; mas não é certo. A Câmara, isto é, a grossa maioria do Congresso, anda meio esquisita. Uma prova disso é que todo mundo dizia que o sr. Nilo Coelho ia ser candidato da ARENA, e no fim da consulta sigilosa favoreceu o sr. Adauto Cardoso.

O deputado Esmerino Arruda disse ao redator das «Notas Políticas» do «Diário de Notícias» que muita gente se engana quando pensa que o atual Congresso votará tudo que o presidente Castelo mandar. «Todo Congresso em fim de mandato é valente», lembrou êle, pois nem mesmo a ameaça de cassação ou fechamento do Congresso pode impressionar o deputado cujo mandato está no fim. A maioria não tem esperança de se reeleger em novembro, e menos ainda terá quem se mostrar submisso à vontade do presidente. Ora, se não é certo que o Congresso faça tudo o que o presidente queira, menos certo será que êle faça tudo o que o presidente queira... pouco.

Enfim, o problema é do general Costa e Silva, candidato, antes de tudo, de si mesmo. Se houvesse realmente intenção de restaurar a Democracia, o primeiro passo seria a eleição do presidente pelo povo ou, pelo menos, por uma Constituinte eleita pelo povo. Assim o novo presidente, bom ou mau, teria legitimidade democrática, que dá a autoridade verdadeira. Direis que o ministro da Guerra é o candidato do Exército, e basta. Não bastaria; mas quem nos garante que o simpático general seja mesmo candidato do Exército? Será candidato, suponhamos, de um forte grupo de oficiais, seus amigos e admiradores; mas a verdade é que não houve eleições nem na tropa nem nos quadros. Um grupo, forte ou fraco, não é o Exército.

Fala-se muito dos oficiais que ficam em cima do muro, expressão pitoresca para designar os que não sabem se vão para êste lado ou aquêle, e esperam para ver qual será o vencedor. Acho que não devemos caçoar demais desses homens do alto do muro. Afinal de contas o oficial do Exército é um profissional que tem sua carreira e não tem nenhuma obrigação especial de fazer opções políticas. É um homem disciplinado, que deseja cumprir bem o seu dever, e nada mais. Em um regime democrático êsse homem sabe a quem obedecer, porque êle sente legítima a autoridade, eleita segundo as regras do jogo democrático. Quando essas regras não funcionam, ou a todo instante se alteram, e o poder cabe ao mais esperto ou ao mais ousado, o mínimo que se pode honestamente perdoar a um oficial comum é que êle fique perplexo...